

APRESENTAÇÕES

Título: Tradições políticas gregas entre os séculos na Sicília central do século V a.C.: Ducetio líder sículo ou tirano grego?

Maria Beatriz Borba Florenzano

Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA-MAE/USP)

Resumo: De acordo com as fontes textuais - sobretudo Diodoro Sículo - a Sicília centro-ocidental foi palco de grandes conflitos político-territoriais em meados do século V a.C. em boa parte devido às investidas do líder nativo/sículo Ducetio. Tentando reconstruir a identidade sícula, já esmaecida depois de mais de duzentos anos de “colonização” grega na ilha da Sicília, Ducetio utiliza os instrumentos gregos de dominação territorial: fundação de cidades, distribuição de terras, organização sócio-política em torno de santuários dedicados a divindades ancestrais. A atuação de Ducetio perdura por vinte e cinco anos de acordo com as fontes textuais, período em que conseguiu reunir em torno de sua liderança a maioria dos séculos da Sicília em uma *synteleia*. Em que medida pode-se apreender o “momento Ducetio” com base em uma chave de mudança cultural ou mesmo de helenização? É o que se pretende abordar nesta apresentação.

Título: Discutindo a presença romana na Palestina e na Judeia sob a ótica do colonialismo

Vagner Carvalheiro Porto

Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP-MAE/USP)

Resumo: Esta apresentação busca explorar, à luz dos atuais debates, os aspectos objetivos do Império Romano e do colonialismo no Mediterrâneo Oriental, mais especialmente no Antigo Israel, província da Judeia e Palestina de época romana. Busca entender os padrões de governança ensejados pelos romanos, seja sob seus aspectos políticos, sociais e econômicos; do mesmo modo, busca evidenciar as respostas que essa imposição romana provocou junto às elites locais. O trabalho culmina por investigar a natureza dessa relação pelo viés da materialidade perguntando quão “imperiais” eram as elites do Império e quão metropolitanos eram seus gostos, por um lado, e quão “coloniais” eram os agentes metropolitanos, por outro, ponderando sob as nuances políticas, religiosas e culturais.

Título: A interação entre gregos e não-gregos no interior da Sicília antiga (VI-IV séc. a.C.): o que a palavra diz e o que a pedra desvela.

Viviana Lo Monaco

Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA-MAE/USP)

Resumo: A literatura grega antiga nos transmitiu um rico vocabulário para descrever a vida dos povos helênicos distribuídos pelo Mediterrâneo. Essas mesmas palavras foram usadas para definir formas de organização social e urbana dos povos não gregos, das quais não conhecemos exatamente as estruturas e o léxico originário. A maneira de habitar e de ocupar o espaço, porém, pode nos informar sobre alguns aspectos das dinâmicas de interação entre gregos e nativos, indo além das definições e dos nomes que encontramos nas fontes textuais gregas. Trazendo como exemplo o caso de alguns assentamentos da Sicília central, aqui queremos

propor uma reflexão sobre a agência das palavras no discurso científico e em que medida nós, estudiosos da antiguidade clássica, somos influenciados pelo vocabulário do "colonialismo" grego na interpretação da cultura material e das sociedades do passado.

Título: Colonialismo e a construção da visão orientalista nos estudos sobre a cidade islâmica

Lygia Ferreira Rocco

Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP-MAE/USP)

Resumo: Esta apresentação busca mostrar os aspectos da construção do discurso colonialista nos estudos a respeito da cidade islâmica a partir dos conceitos desenvolvidos por Edward Said, em seu livro *Orientalismo, O Oriente como invenção do Ocidente*, publicado em 1978. Said faz uma crítica extensa e bastante documentada a respeito do colonialismo cultural e do imperialismo. Sobre a cidade islâmica, os primeiros estudos realizados no início do século XX foram conduzidos por dois tipos de abordagens feitas dentro dos departamentos nas academias europeias: a inglesa, que atribuía a arquitetura da cidade a fatores religiosos e sociais e a francesa, que analisava a cidade como um sistema que precisava ser bem descrito e detalhado para assim ser controlado. Os estudos posteriores foram pautados por estas primeiras análises que partiam de visões do Ocidente sobre o Oriente, o qual estabelecia certas tipologias urbanísticas e arquitetônicas como exclusivas do mundo muçulmano e que estariam diretamente ligadas a tipos como: organização tribal, planejamento irracional da cidade, entre outros elementos. Recentemente, tem ocorrido uma série de críticas a esses estudos colocando-os sob uma profunda discussão. Neste texto procuro elencar alguns dos elementos do discurso orientalista relacionados ao espaço urbano que podem ser colocados em discussão e porque deveriam ser.

Título: Colonialismo e o debate sobre a noção de Antropoceno

Fabíola Andréa Silva

Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT- MAE/USP)

Resumo: Na atualidade, cientistas de diferentes especialidades tem se envolvido em um debate sobre o que vem sendo chamado de Antropoceno. Esta noção é empregada para refletir sobre a intensidade das ações humanas sobre o meio ambiente, em uma escala global, e em termos do impacto dessas ações no Sistema da Terra. Alguns estudiosos do Antropoceno estabelecem a sua periodização desde a Revolução Industrial (1800-1945), dada a disseminação do uso dos combustíveis fósseis (p.ex. carvão mineral e petróleo), a expansão das estruturas urbano-industriais, as mudanças tecnológicas e o aumento das forças produtivas e do consumo. Porém, ele teria a sua fase mais contundente a partir da década de 1950, com a chamada Grande Aceleração caracterizada, por exemplo, pelo crescimento no consumo de combustíveis fósseis e, sucessivamente, pelo desenvolvimento em larga escala de novas fontes de energia (p.ex. nuclear, hidrelétrica), da produção de novos materiais (p.ex. alumínio, plástico) e da chamada revolução verde (p.ex. novos pesticidas, fertilizantes e sementes geneticamente modificadas), pelo surgimento de novas tecnologias (p.ex. digital), pela concentração de riqueza e aumento na circulação de produtos e pelo super-consumo. Na arqueologia, o debate sobre o Antropoceno trata de problematizar sua periodização, tentando retrocedê-la para além da Era Contemporânea, a partir da ideia de que este deveria ser entendido como um processo espaço-

temporal de longa duração, envolvendo as ações humanas sobre o meio-ambiente (p.ex. extinção da megafauna, domesticação de plantas e animais e desflorestamento). Os arqueólogos também se preocupam em refletir sobre o modo como o Antropoceno se manifesta enquanto realidade física na estratigrafia arqueológica e na materialidade arqueológica em diferentes tempos e espaços. E, assim como outros cientistas sociais, eles problematizam o próprio termo Antropoceno, chamando a atenção para o fato de que não se deve compreendê-lo em termos de uma reiteração da oposição natureza-cultura própria da modernidade e de uma visão colonialista sobre o “Outro”. O objetivo desta apresentação é tentar pensar sobre esta noção de Antropoceno, levando em consideração as políticas econômicas desenvolvimentistas e neocolonialistas do Estado brasileiro, especialmente, para a Amazônia.

Título: A Trácia e os gregos: o problema da “colonização”

Juliana Horta

Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA-MAE/USP)

Resumo: A região da Trácia Ocidental é um exemplo de dinâmica de contatos entre gregos e nativos, mesmo com sua geografia de difícil acesso. Há indícios de que já existiam pólis no século VII a.C., com áreas urbanas configuradas, *khóra* delimitada e muito material de contato. O fenômeno rotulado como "contato" pode ter se materializado de várias maneiras: comércio local ou de longa distância, relações diplomáticas asseguradas pelo chamado "intercâmbio de presentes" ou trocas de produtos naturais. O objetivo desta apresentação é trazer à tona a discussão sobre o processo da chamada “colonização”, por meio da cultura material encontrada em escavações, a fim de discutir o chamado “caráter colonial” da chegada dos gregos em fundações no Mediterrâneo, mais especificamente nos complexos processos regionais e locais da Trácia e das ilhas do Norte do Egeu. Novas abordagens teóricas pós-processualistas estão desconstruindo a visão helenocêntrica, abrindo a discussão para uma visão contextual e para a relação local entre o objeto e a sociedade.

Título: Teoria e método para pensar a temporalidade da paisagem quilombola da ilha de Tinharé, a partir da perspectiva dos moradores da Vila Galeão

Fabio Guaraldo Almeida

Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT- MAE/USP)

Resumo: As pesquisas sobre comunidades de africanos fugidos do sistema escravista na América sempre tiveram em alta nas universidades de países como os Estados Unidos, Brasil, Venezuela, Colômbia, Suriname, Cuba e outros do Caribe. Especialmente, os estudos arqueológicos sobre o tema têm priorizado entender as estratégias de resistência, com foco nos locais de assentamento e estruturas construtivas existentes. Mais recentemente, nos Estados Unidos, arqueólogos estão interessados em conhecer o universo simbólico das comunidades afro-americanas, para melhor compreender o contexto evidenciado nas escavações e contextualizar os fatos, ao invés de generalizá-los, a partir de um único modo de interpretação, frequentemente, eurocêntrica. Também nesta perspectiva pós-colonial, estudos arqueológicos no Brasil têm se esforçado na coleta de dados etnográficos em comunidades auto-reconhecidas quilombolas. Com base nesta perspectiva teórica, esta apresentação trata sobre a temporalidade da paisagem quilombola na Ilha de Tinharé, localizada no município de Cairú, estado da Bahia, a partir dos referenciais históricos dos moradores da comunidade quilombola

de Galeão (situada na ilha). Para tanto, os dados da pesquisa etnográfica realizada junto aos moradores de Galeão foram relacionados às informações levantadas na documentação histórica e bibliográfica, possibilitando o mapeamento dos sítios arqueológicos que compõe a atual paisagem quilombola de Tinharé. A proposta de pesquisa interdisciplinar entre arqueologia, história, etnografia e geografia possibilitou interpretar uma paisagem dinâmica, que supera a hegemonia das relações polarizadas entre senhor/escravo, dominador/dominado, casa grande/senzala. A paisagem quilombola da comunidade de Galeão é formada por redes de solidariedade, relações econômicas e ações cotidianas, onde circulavam comunidades de africanos e afrodescendentes formadas por escravos, forros, homens livres pobres e quilombolas, configurada como um verdadeiro “campo negro”.

Título: Contatos e a manutenção de tradições no quadro provincial romano: a cerâmica culinária norte-africana e as relações com as demais categorias cerâmicas

Maria Isabel D’Agostino Fleming
Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP-MAE/USP)

Resumo: A indústria cerâmica norte-africana, especialmente entre os séculos IV e final do VII d.C., não foi alterada fundamentalmente. Durante este período, a vitalidade de produção e a tecnologia foram sustentadas por um crescimento econômico e pela mobilidade das oficinas. No âmbito da produção de alimentos (trigo, vinho, óleo e salmouras de peixe) para o mercado externo e interno entram em evidência as vasilhas finas de mesa (cerâmica *sigillata*), as ânforas e, paralelamente, a cerâmica culinária. Nesse quadro, com apoio de dados arqueométricos e tipológicos, será analisada a relação entre essas diversas categorias cerâmicas tendo em vista permanências de tradições das produções locais que atenderam ao mercado consumidor interno e os fluxos de exportações para o Mediterrâneo.

Título: Coleções etnográficas e arqueologia: uma relação pouco explorada

Meliam Viganó Gaspar e Igor Rodrigues
Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT- MAE/USP)

Resumo: O uso de observações e relatos etnográficos na Arqueologia é um fato comum na história da disciplina. No entanto, a exploração de questões arqueológicas através de análises de coleções etnográficas tem sido feita de maneira incipiente no Brasil, apesar da importância desses conjuntos de objetos na construção de uma história indígena de longa duração por meio da materialidade. Esta apresentação discute as relações entre objetos etnográficos e arqueológicos, ressaltando o potencial que os primeiros possuem no desenvolvimento de problemas relacionados aos segundos. A partir das abordagens de estudos de tecnologia, são apresentadas análises de coleções etnográficas de cerâmicas e trançados de povos falantes de línguas Karib na Amazônia guianense.

Título: O Império em Roma e Roma no Império: a questão dos mosaicos provinciais

Silvana Trombetta

Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP-MAE/USP)

Resumo: O mosaico antigo é um objeto de estudo que possibilita múltiplas interpretações e indagações sobre a questão do “colonialismo”. Presente em todas as províncias do Império Romano, sua utilização ultrapassa aspectos meramente construtivos (cobertura pavimental durável) ou decorativos. Dotado de uma rica iconografia, o mosaico viabiliza o exame de questões referentes à religiosidade, atos cotidianos, economia. No aspecto arquitetônico, sua inserção em casas e edifícios públicos segue um padrão similar ao encontrado nas áreas centrais de Roma, porém as imagens que representam atestam as singularidades existentes em cada província na medida em que, por exemplo, na província norte africana há mosaicos com temas nilóticos e representações da *Dea Africa*. De modo similar, na província da Gália, há uma figuração num painel em mosaico do deus Júpiter-Taranis e na Palestina representações que se interligam à religião judaica. O colonialismo exercido por Roma, embora nitidamente presente, não se faz de modo absoluto, o que pode ser visto em mosaicos nos quais coexistem elementos romanos e provinciais.

Título: “O lugar certo é aqui”: paisagem e território no Alto Sertão Baiano, comunidade Cristina

Juliana Freitas

Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT- MAE/USP)

Resumo: As pesquisas arqueológicas desenvolvidas no âmbito do licenciamento ambiental das áreas destinadas à instalação dos parques eólicos no sudoeste baiano propiciaram uma inter-relação com as comunidades tradicionais situadas na região comumente denominada como Alto Sertão da Bahia. Neste estudo analiso os efeitos deste empreendimento na vida dos moradores de uma dessas comunidades, mais especificamente, da comunidade Cristina, que integra o conjunto de comunidades tidas como quilombolas existentes no município de Caetité. Cabe ressaltar que algumas dessas comunidades já são reconhecidas em termos da sua particularidade cultural, no entanto, outras – como a comunidade Cristina – ainda aguardam o processo de reconhecimento de seu território junto aos órgãos federais. A partir dos preceitos teórico-metodológicos da etnografia arqueológica e arqueologia do presente busco compreender a relação dos moradores da comunidade Cristina com a paisagem e com os registros arqueológicos, apreendendo como estas pessoas se apropriam desta paisagem, dando significado a ela, elencando lugares significativos e, conseqüentemente, elaborando a sua noção de território. Dessa forma, esta pesquisa tenta trazer esforços para lançar novas reflexões acerca da *práxis* arqueológica na produção de conhecimento, no que refere ao modo como as populações tradicionais percebem as transformações de suas paisagens significativas, contribuindo para uma crítica às políticas governamentais desenvolvimentistas que, na maioria das vezes, não consideram as vozes locais na avaliação dos impactos socioambientais dos empreendimentos econômicos.

Título: O Norte da África: terra de ninguém ou terra de todos? Da Antiguidade à Modernidade

Maria Cristina Nicolau Kormikiari

Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA – MAE/USP)

Resumo: Na literatura moderna, muitas vezes o Norte da África é referido como uma ilha, pois que se encontra cercado por mares, ao norte e a oeste, o Mediterrâneo e o Atlântico, e pelo deserto do Saara, ao sul. Ao olharmos a sequência fenomenológica histórica dessa região, com características geográficas tão singulares, veremos que esta é composta por um conjunto sucessivo muito poderoso, em si, de ocupações humanas. Ocupações estas que percorrem quase três mil anos. Fenícios, romanos, bizantinos, vândalos, árabes, europeus chegaram e se apossaram de porções territoriais de dimensões variadas, mas sempre grandiosas e com contingentes populacionais igualmente não padronizados. No entanto, não chegaram em terra virgem e sim em uma área com uma população autóctone absolutamente ali estabelecida há milênios e, a partir dos dados arqueológicos e etnológicos que dispomos, em harmonia com seu meio. É nossa intenção, em nossa fala, apresentarmos os principais pontos desse quadro histórico e, a partir de dois estudos de caso, demonstrar como ocupações que possuem em si sua própria historicidade, podem e devem ter sobre elas lançada um olhar de longa duração.